

## **CORRESPONDENTES DE GUERRA: OS DESAFIOS ENFRENTADOS POR JORNALISTAS BRASILEIROS NA COBERTURA DA GUERRA NA UCRÂNIA**

**Eduarda Schwanck Salazar<sup>1</sup>**

**Lize Búrigo<sup>2</sup>**

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo contribuir para pesquisas sobre a cobertura de guerras, temática com pouco material científico disponível. O intuito do estudo foi relatar os desafios enfrentados por jornalistas brasileiros durante a Guerra na Ucrânia, que teve início em 2022. A análise abordou as diferenças do conflito na Ucrânia, comparado a outras guerras, como a do Golfo (1990/1991), as mudanças provocadas pela evolução da tecnologia na forma de transmitir os fatos, os conceitos de jornalismo internacional, além de apresentar as vivências dos profissionais e o papel do jornalista durante a cobertura do conflito. A proposta está fundamentada nos conceitos de jornalismo de guerra de autores como Schelp e Liohn (2016), Pena (2005) e Arbex (2001). O artigo possui abordagem qualitativa, exploratória, e se concentrou nas declarações adquiridas por meio de entrevistas. Para este fim, foram entrevistados dois correspondentes internacionais brasileiros que cobriram a Guerra na Ucrânia, em veículos distintos: o fotojornalista da *Associated Press*, Felipe Dana, e o correspondente internacional pela *TV Globo* e pelo canal de notícias *GloboNews*, Rodrigo Carvalho. O primeiro possui uma longa carreira de coberturas de guerras ao redor do mundo. Já o segundo, teve a Guerra na Ucrânia como sua primeira experiência. A partir das respostas dos entrevistados, foi confirmado que a missão de cobrir guerras está aquém da romantização e glamourização propagada, muito pelo contrário, é carregada de riscos e desafios. Esses profissionais desempenharam um papel crucial ao informar o mundo sobre as atrocidades do conflito, apesar dos riscos e das dificuldades. As experiências destacam a importância do jornalismo na divulgação da verdade em situações de conflito. Diante disso, o papel do jornalista é filtrar as informações e transmitir os fatos da maneira mais clara e objetiva possível, sem favorecer apenas um lado envolvido.

**Palavras-chave:** Correspondente de guerra, jornalismo internacional, guerra na Ucrânia.

### **1 INTRODUÇÃO**

No dia 24 de fevereiro de 2022, forças armadas russas invadiram o território da Ucrânia, causando um rastro de destruição, dando início à guerra. Desde então, o mundo tem acompanhado o conflito por meio dos canais de comunicação. A

---

<sup>1</sup> Graduanda em Jornalismo no semestre letivo de 2023/2. E-mail: eduardasalazar32@gmail.com

<sup>2</sup> Prof<sup>a</sup> mestre Lize Búrigo. E-mail: lize.burigo@satc.edu.br

população ucraniana, com mais de 44 milhões de habitantes, vive até hoje momentos de terror, em uma guerra que parece estar longe de acabar. Em meio aos destroços, milhões de cidadãos ucranianos buscaram meios de cruzar a fronteira à procura de abrigo.

Enquanto a população ucraniana tentava sobreviver, jornalistas por meio de reportagens, fotos e notícias, exerceram o papel de manter o mundo informado sobre as atrocidades da guerra. Nesse contexto, a cobertura jornalística desempenhou papel crucial para o entendimento do que estava acontecendo. Grandes empresas de comunicação de todo o mundo se voltaram ao assunto e mobilizaram seus repórteres para cobrir o novo acontecimento.

Em meio aos bombardeios em todo o território ucraniano, jornalistas de diversos países acompanham de perto a devastação causada pela guerra. Esses profissionais enfrentam riscos físicos e psicológicos constantes. A inquietação de Schelp e Liohn (2016), sobre os motivos pelos quais um jornalista deixa o conforto de seu lar para cobrir uma guerra em outro país, motivou esse estudo, que tem como objetivo alcançar a resposta para a seguinte pergunta-problema: quais os principais desafios e vivências de um correspondente brasileiro na busca pela verdade na área de conflito entre Rússia e Ucrânia?

O objetivo geral deste trabalho é, por meio dos relatos de profissionais que vivenciaram o conflito, compreender como é estar na linha de frente de uma guerra para noticiar o fato para o resto do mundo. Como objetivos específicos, é preciso compreender os conceitos da profissão, contextualizar o histórico do início das coberturas jornalísticas internacionais, com destaque no Brasil; a manipulação da notícia; os efeitos das mudanças provocadas pela evolução tecnológica (internet) na forma de transmitir os fatos; o papel do correspondente; além de destacar o objeto deste estudo, que é o conflito entre a Rússia e Ucrânia. Posto isso, foram realizadas entrevistas com dois correspondentes internacionais, de veículos de comunicação distintos.

A proposta de trabalho se deu a partir da união de dois temas de curiosidade da acadêmica: jornalismo internacional e a cobertura jornalística da Guerra na Ucrânia. Para isso, o uso de relatos de quem viveu nesse meio se mostrou fundamental para registrar os desafios e dificuldades na cobertura de um conflito tão

sangrento e devastador. A contextualização teórica foi feita com base em artigos e escassas bibliografias sobre o tema.

Apesar do perigo da profissão, com risco de morte inerente, de acordo com Pena (2005) “a função de correspondente de guerra sempre foi encarada com uma alta dose de romantismo” (PENA, 2005. p. 188). O autor afirma que esses riscos acabam sendo ofuscados pelas representações midiáticas, que são glamourizadas e estereotipadas. Durante a Guerra na Ucrânia, até a publicação deste artigo, 12 jornalistas foram mortos durante o desempenho da função, segundo um relatório divulgado no início de março de 2023, pelo Conselho da Europa.

Como caminho metodológico, quanto à sua natureza, está pesquisa é Básica, pois, o objetivo é estudar e gerar novos conhecimentos, sem a aplicação prática dos conteúdos abordados no trabalho (GIL, 2006).

Quanto à abordagem dos fatos, optou-se por uma pesquisa Qualitativa, considerando que aspectos psicológicos, opiniões, comportamentos e atitudes podem ser destacados. Por meio dessa abordagem, o pesquisador interpreta dados, fatos e teorias (RODRIGUES; LIMENA, 2006).

Quanto ao objetivo, a pesquisa tem um caráter Exploratório pois pretende proporcionar maior familiaridade com o tema, para torná-lo explícito (GIL, 2002). Por fim, para o procedimento técnico optou-se pelo uso de Estudo de Caso, para que seja possível analisar a cobertura do conflito entre Rússia e Ucrânia de forma aprofundada. Por ser um método de pesquisa mais complexo, o Estudo de Caso requer mais de uma técnica para a realização do estudo (GIL, 2006). Neste trabalho, utiliza-se as técnicas de entrevista e histórias de vida.

Portanto, para a coleta de dados foram utilizados procedimentos como levantamento bibliográfico e entrevistas com pessoas que viveram a experiência prática com o problema pesquisado (GIL, 1996), no caso deste trabalho, a cobertura jornalística da Guerra na Ucrânia. As entrevistas foram estruturadas, orientadas por um roteiro pré-definido e aplicado aos dois entrevistados: o fotojornalista Felipe Dana, da agência de notícias independente *Associated Press*, e o correspondente internacional pela *TV Globo* e pelo canal de notícias *GloboNews*, Rodrigo Carvalho.

## **2 JORNALISMO INTERNACIONAL E A MANIPULAÇÃO DA INFORMAÇÃO**

Com o objetivo de coletar informações e difundir notícias por todo o mundo, surgiu o jornalismo internacional. O profissional que exerce a função de informar sobre assuntos de outras partes do mundo é geralmente conhecido como correspondente internacional, enviado de um veículo específico. Autores como Natali (2004) defendem que “o jornalismo nasceu, isto sim, sob a forma de jornalismo internacional, com o formato de coleta e difusão de notícias produzidas em terras distantes” (NATALI, 2004, p.23). O autor ainda afirma que o jornalismo internacional teve grande crescimento editorial no século XIX, devido a expansão do império colonial britânico.

No Brasil, dois concorrentes do *Gazeta do Rio de Janeiro* (1808-1822), primeiro jornal impresso no país, criado em homenagem ao príncipe regente D. João IV, já trazia assuntos internacionais. O *Correio Braziliense* (1774-1823), idealizado pelo gaúcho Hipólito José de Costa e editado em Londres, circulou em português na Inglaterra e de maneira clandestina no Brasil e em Portugal, devido à Censura Régia<sup>3</sup>. O *Jornal Independente*, também editado em Londres, circulou entre 1808 e 1822, segundo o historiador Bóris Fausto.

Em suas 175 edições mensais, o jornal *Correio Braziliense* noticiou os principais acontecimentos da Europa e do Brasil, e trazia assuntos sobre o Novo Império do Brasil, com reflexões sobre o Estado. Além disso, o *Correio Braziliense* abordava e trazia críticas sobre a escravidão no país. Segundo pesquisadores, o jornal foi responsável por difundir ideias liberais que nortearam a Independência do Brasil.

De acordo com Souto (2010) a cobertura internacional brasileira acrescenta muito pouco, pois faltam fontes alternativas de informação. Mesmo com a participação de correspondentes internacionais, Souto (2010) salienta “a dependência de fontes oficiais, como assessorias de imprensa de governos e agentes envolvidos nas notícias” (SOUTO, 2010.p.03).

A manipulação da mídia não acontece somente no Brasil, Arbex (2001) exemplifica a cobertura da guerra do Golfo, quando milhões de telespectadores acreditaram que não houve mortes na guerra. O autor revela que 72% dos americanos usaram a televisão como sua principal fonte de informação sobre os conflitos, mesmo advertidos que “por razões de segurança nacional” as imagens eram controladas por

---

<sup>3</sup> Período em que Portugal proibia a impressão de qualquer tipografia na colônia.

Washington. De um fragmento extraído de uma publicação de um artigo de Lawrence Grossman, ex-presidente da NBC, Arbex (2001, p.118) reforça sua tese:

Nós ouvimos muito falar sobre a censura exercida pelo governo e restrições ao trabalho dos correspondentes. Mas o aspecto mais interessante dessa guerra foi o fato de que as telas de televisão ficaram repletas de materiais fornecidos pelo governo- resumos, entrevistas, videoteipes. A questão não era tanto a de ocultar a informação, mas sim de estabelecer qual a perspectiva que dominaria tela (LAMAY, 1991 apud ARBEX, 2001, p.65).

Em apenas 40 dias, a Guerra do Golfo provocou 100 mil mortes. Na visão de Arbex (2001), a cobertura da guerra não passou de uma simulação, fato que o autor intitula de “fusão/confusão da informação com a informática” (ARBEX, 2001, p.121).

A cobertura da Guerra do Golfo, na defesa de Arbex (2001), está associada a um jogo eletrônico, onde “circuitos eletrônicos que alimentam a televisão, assim como computadores, distribuem, indiferentes a qualquer distinção, imagens, tabelas estatísticas, modelos de simulação da realidade, enfim, uma profusão de dados que o receptor absorve sem estabelecer fronteiras” (ARBEX, 2001, p.121).

A manipulação não é novidade no histórico de conflitos. Schelp e Liohn (2016), revelam que no final do século XVIII as revistas ilustradas publicavam desenhos das cenas dramáticas, de uma forma menos cruel, dando a impressão que tal imagem havia sido presenciada pelo artista. “Essa forma de documentar os combates era mais vívida e atraente, mas quase sempre uma distorção romantizada e exagerada da realidade” (SCHELP, LIOHN, 2016, p.25).

### **3 CORRESPONDENTES DE GUERRA**

Um jornalista que cobre conflitos direto da linha de frente é chamado de correspondente de guerra. Mesmo com os riscos frequentes em uma zona de batalha, “a função do correspondente de guerra sempre foi encarada com uma alta dose de romantismo” (PENA, 2005, p. 188). Isso porque a representação midiática, estereotipada e glamourizada, acaba ofuscando os perigos inerentes à situação. Pena (2005) afirma que, mesmo para um profissional sério, a profissão é carregada de muita pressão e constrangimento.

Segundo Schelp e Liohn (2016), no livro *Em terreno minado*, o repórter especial do jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, explica sobre a diferença entre correspondentes de guerra e enviados especiais. Para o jornalista, o primeiro está relacionado a repórteres fotográficos e cinegrafistas especializados na cobertura de conflitos, que se deslocam em curto tempo de um país para outro. Já o segundo, consiste em jornalistas que atuam dentro de redações durante a maior parte do tempo, e se dedicam a temas internacionais baseados nos conteúdos de agências de notícia e entrevistas por telefone (SCHELP, LIOHN, 2016).

Os correspondentes de guerra desempenham o importante papel de testemunhar, decifrar e interpretar os fatos, para que as pessoas que se importam com o que acontece no mundo, mas não podem ou não querem ir ao local dos acontecimentos para ver tudo com os seus próprios olhos, saibam o que precisa saber (SCHELP, LIOHN, 2016, p. 108).

De acordo com a visão de Schelp e Liohn (2016), existem diferentes maneiras de trabalhar com jornalismo de guerra. Alguns profissionais preferem observar os efeitos do confronto sem ir para o *front*, outros optam por encarar o combate, para levarem uma sensação mais realista ao leitor. “Os perigos enfrentados por enviados especiais e correspondentes, porém, são potencialmente os mesmos. Tudo depende da tolerância aos riscos e do estilo de cobertura de cada um” (SCHELP, LIOHN, 2016, p. 81).

Desde os primórdios até os dias atuais, os riscos de um jornalista no *front* estão mais relacionados às características do conflito do que a atividade característica do correspondente. Ou seja, os riscos físicos proporcionados por bombas e tiros são relativamente maiores do que as ameaças em reportar acontecimentos e estratégias de estado (SCHELP, LIOHN, 2016).

Segundo Pena (2005) o jornalista precisa estar muito bem preparado para encarar uma zona de guerra. A profissão exige uma série de requisitos, que tornam o jornalista mais maduro. O primeiro deles é a ampla experiência em redação, pois requer um bom trabalho no dia a dia. Em segundo, é necessário um longo treinamento, não só jornalístico, antes de ir para o *front*. Essa preparação inclui desde técnicas de sobrevivência até manuais de guerrilha (PENA, 2005).

Os primeiros relatos de notícias de guerra divulgadas na Europa surgiram no século XVII. Os fatos eram distribuídos em panfletos manuscritos, que variavam

de acordo com os interesses das partes envolvidas. Essas informações, escritas por observadores independentes, circulavam apenas como objeto de entretenimento. Naquela época, os primeiros jornais ainda não tinham o hábito de enviarem seus correspondentes para acompanharem a batalha *in loco*, pois a produção dos periódicos era muito lenta (SCHELP, LIOHN, 2016).

O primeiro jornal a realizar a cobertura profissional de uma guerra foi o *The Times*, de Londres, com relatos da Revolução Francesa (1792). Mas, foi durante a Guerra da Crimeia (1853-1856) que os ingleses diferenciaram a maneira de noticiar um conflito armado. “Eles corriam os riscos inerentes a quem se metia em um acampamento militar, próximo ao *front* de batalha ou em situações de desordem pública. Mas não eram um alvo em si” (SCHELP, LIOHN, 2016, p. 19).

A cobertura da Guerra da Crimeia (1853-1856), feita pelo jornalista William Howard Russel, do *The Times*, foi responsável por dar início aos relatos jornalísticos de guerra direto do *front* para a população. Antes disso, os jornais da época contratavam oficiais para enviarem os acontecimentos. Durante sua jornada, Russel enfrentou forte oposição dos militares, por denunciar as más condições da guerra (BORGES, 2005).

### 3.1 CORRESPONDENTES DE GUERRA NO JORNALISMO BRASILEIRO

No Brasil, Pena (2005) associa o descobrimento do país a um correspondente de guerra:

“Em Os sertões, Euclides da Cunha colocou em livro tudo que não pôde contar como repórter do jornal O Estado de S. Paulo, escalado para cobrir a Guerra de Canudos, o texto de Euclides da Cunha fez com que o país se redescobrisse e fosse desnudado pelo relato do livro” (PENA, 2005, p. 190).

E no desenrolar da história, os jornalistas brasileiros cobriram muitas guerras internas, desde as primeiras décadas do século XIX. Os correspondentes Shelp e Liohn (2016) destacam o jornal *O Povo*, publicado entre 1835 e 1845, como o diário que oficialmente cobria a Revolução Farroupilha, organizada por estancieiros gaúchos que eram contra a política fiscal do governo imperial brasileiro. Conhecida como Guerra dos Farrapos, teve duração de 10 anos e foi uma das que representou



maior ameaça à integridade territorial brasileira, por ter a pretensão de desmembrar o Rio Grande do Sul do restante do país (NEVES, 2023).

Há indícios que os primeiros correspondentes de guerra brasileiros iniciaram na Guerra do Paraguai (1864-1870), conflito por interesses políticos e econômicos contra o Brasil, Argentina e Uruguai.

A proximidade com o *front* levou os fotógrafos que acompanhavam as tropas a fazer algo mais próximo do jornalismo, registrando também o ambiente dos acampamentos, crianças paraguaias amputadas e até a morte e destruição após as batalhas (SCHELP, LIOHN, 2016, p. 76).

Ainda de acordo com os autores Schelp e Liohn (2016), o Brasil, por estar distante de regiões que vivem intensos conflitos armados, raramente se envolve militarmente. A última participação efetiva das forças armadas brasileiras foi na Segunda Guerra Mundial, que teve início em 16 de setembro de 1944, com duração de sete meses. Antes da década de 70, eram raros os jornalistas brasileiros em *front* no exterior. As publicações brasileiras com correspondentes fixos nos locais de batalhas ganharam mais espaço em guerras como os confrontos de maio de 1968 em Paris, na França, durante a Guerra do Golfo, no atentado de 11 de setembro, nos Estados Unidos, e na Guerra do Vietnã, onde José Hamilton Ribeiro, da revista *Realidade*, teve uma das pernas amputadas ao pisar em uma mina terrestre. Atualmente, o paulista nascido em 1935 na cidade de Santa Rosa de Viterbo, mora em uma fazenda em Uberaba, Minas Gerais.

#### **4 MUDANÇAS TECNOLÓGICAS E AS AGÊNCIAS DE NOTÍCIA**

A evolução dos equipamentos utilizados na prática jornalística impactou diretamente as coberturas internacionais e no entendimento dos acontecimentos pelo público. Por exemplo, durante a Guerra da Crimeia (1853-1856), os aparelhos fotográficos eram tão rudimentares que se tornava impossível registrar o conflito próximos à linha de frente. Os registros feitos pelo fotógrafo Roger Fenton mostravam uma guerra sem sangue, já que retratava oficiais britânicos confraternizando no acampamento (SCHELP, LIOHN, 2016).

Já durante a primeira batalha da Guerra Civil Americana (1861-1865), a de *Bull Run*, o fotógrafo Mathew Brady testemunhou o conflito de uma forma bem



diferente, mostrando toda a destruição causada por uma guerra. Sua enorme máquina fotográfica chegou a assustar as tropas do norte, que acharam que o equipamento fosse uma arma, da qual haviam “ouvido falar” que disparava 500 balas por minuto (SCHELP, LIOHN, 2016).

Os materiais produzidos por correspondentes internacionais durante a Guerra da Crimeia (1853-1856) eram enviados por cartas, e levavam semanas até serem publicados. Foi durante a Guerra Civil Americana (1861-1865) que as notícias passaram a viajar com mais rapidez, graças a invenção do telégrafo, equipamento que enviava a mensagem codificada em pontos ou linhas, por meio da energia elétrica. De acordo com Schelp e Liohn (2016), a nova tecnologia possibilitou a concorrência entre os jornais na busca por informações inéditas (SCHELP, LIOHN, 2016).

A expansão do telégrafo agilizou a atuação dos jornais nos conflitos, despertou no público a sede por notícias quentes e, pode-se argumentar, deu aos correspondentes maior poder para influenciar nas decisões políticas. Como resultado, começou-se a construir em torno dos jornalistas de guerra uma admiração e um respeito que muitos souberam explorar para ter acesso ao centro dos acontecimentos e para se promover (SCHELP, LIOHN, 2016, p. 26).

Já no século XX, segundo Natali (2004), a notícia foi impactada pela invenção do teletipo, deixando o telégrafo para trás. O equipamento ligava a agência de notícias aos jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão. O texto era enviado pela agência através de um processo analógico, e não digital, transmitindo uma letra de cada vez (NATALI, 2004).

Outro invenção marcante do século XX foram os satélites de comunicação, deixando de lado os “riscos de incomunicabilidade por causa da ruptura acidental de um cabo submarino” (NATALI, 2004, p. 35). A transmissão via satélite dos programas de televisão possibilitou que o mundo pudesse acompanhar a chegada do homem à Lua, em julho de 1969 (NATALI, 2004).

Por volta de 1965, para um repórter de Cidades de um jornal de médio porte, numa cidade como São Paulo, o avanço tecnológico consistiu talvez em trocar o bonde pelo carro de reportagem ou a máquina de escrever mecânica pela máquina de escrever elétrica. No jornalismo internacional, o impacto tecnológico foi sempre incomparavelmente maior (NATALI, 2004, p.33).

Mesmo com o avanço da internet no século XXI, que permitiu maior agilidade na divulgação das informações, muitas redações brasileiras ainda acabam tendo como fontes as agências internacionais de notícia, o que segundo Steinberger apud Souto (2010), limita-se basicamente na reciclagem de informações. Somente grandes veículos de comunicação podem contar com a participação de correspondentes e enviados especiais para coberturas de desastres, esportivas, de guerras, entre outras. Portanto, as editorias reciclam informações para convertê-las aos padrões de cada veículo (STEINBERGER, 2003 apud SOUTO, 2010).

Para Natali (2004, p.31), “as agências de notícias deram visibilidade econômica ao noticiário internacional”. Os custos do material produzido por um correspondente, enviado de um jornal ou revista, seriam mais caros do que um texto distribuído a centenas de veículos, que assinam o serviço de uma agência. Natali (2004, p.31) afirma ainda que “o correspondente ou o enviado especial passou a ser um diferencial de peso, mas não o arroz-com-feijão do noticiário”.

O raciocínio de Natali (2004) é de que, nos últimos 200 anos, a imprensa foi incorporada às novas tecnologias, sem que sua racionalidade tivesse sofrido transformações fundamentais. Ou seja, as informações internacionais começaram a circular mais depressa e os processos de imprensa foram radicalmente aperfeiçoados. Mas, apesar de tudo isso, a notícia continuou sendo um produto ou mercadoria.

## **5 CONFLITO ENTRE UCRÂNIA E RÚSSIA**

No dia 24 de fevereiro de 2022, o mundo todo voltou o olhar para a Ucrânia, o país com maior faixa territorial da Europa. Desde lá, a população ucraniana, com cerca de 44 milhões de habitantes, passa por momentos de tensão e medo, lutando a cada dia pela vida. O país, que conseguiu sua independência apenas em 1991, após o fim da União Soviética (URSS), possui um território com mais de 603 mil quilômetros de extensão, localizado no Leste Europeu, e mantém forte cultura do povo eslavo, que habitava na região.

De acordo com a *BBC News Brasil*, o conflito armado em si iniciou após uma declaração do presidente russo, Vladimir Putin, sobre uma “operação militar especial” na região de Donbass, no leste da Ucrânia. Enquanto isso, o Conselho de Segurança das Nações Unidas pedia para que as tropas não fossem adiante. Dentre

as principais razões para o início do conflito, estão: “a expansão da Otan<sup>4</sup> pelo Leste Europeu, a possibilidade de adesão da Ucrânia à aliança militar, a contestação ao direito da Ucrânia à soberania independente da Rússia e o desejo de Vladimir Putin de restabelecer a zona de influência da União Soviética” (BBC News, 2022).

Enquanto a população ucraniana escutava os sinais de alerta de ataque, que tocavam na capital Kiev, o presidente do país, Volodymyr Zelensky, avisou que revidaria qualquer tentativa de invasão que colocasse em risco o território e a liberdade da população. Um ano depois do início da guerra, sem um cessar-fogo, a Organização das Nações Unidas (ONU) definiu como “o deslocamento populacional forçado mais rápido desde a Segunda Guerra Mundial”. Segundo a *BBC News*, a guerra fez com que mais de 7 milhões de ucranianos procurassem refúgio em outros países da Europa, incluindo a Rússia. De acordo com o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH), até fevereiro de 2023, mais de 7 mil civis morreram na Ucrânia e aproximadamente 11 mil ficaram feridos. Mas, acredita-se que esses números sejam ainda maiores (HANKIN, 2023).

Ferraro (2022) dividiu o conflito em três fases, datando o início da guerra até outubro de 2022. O pesquisador do Departamento de Ciência Política da Universidade de São Paulo, destaca a invasão de largada, iniciada em 24 de fevereiro em uma tentativa frustrada do exército Russo dominar a capital Kiev, e assim, derrubar o governo Zelensky, como a primeira fase. O recuo da região de Kiev, em 4 de abril, e a concentração de soldados russos nas duas regiões do Donbass (Donetsk e Luhansk), como segunda fase. E a terceira, ainda em andamento, relacionada a contra ofensiva ucraniana.

Um possível marco referencial dessa fase foi o ataque a drones à Frota Russa do Mar Negro, na Crimeia, em 31 de julho. Nos dias e semanas seguintes, bases militares e depósitos de armamentos russos na península sofreram uma série de ataques. É importante salientar que desde 2014 a Ucrânia não havia atacado a Crimeia, no intuito de evitar um conflito direto com a Rússia e concentrar seus esforços no Donbass (FERRARO, p.3, 2022).

Mesmo sem um cessar fogo, muitos ucranianos insistem em voltar ao país, ainda com as cicatrizes da guerra. Com o tempo, a frequência do assunto na mídia

---

<sup>4</sup> Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan): organismo internacional fundado em 1949 durante a Guerra Fria.

também diminuiu, mesmo sem o fim do conflito. A guerra matou, 12 jornalistas durante o desempenho da função em 2022, segundo o Conselho da Europa, sendo alguns da própria Ucrânia, Rússia, Estados Unidos, Lituânia e França.

A Rússia, um dos principais países em termos geopolíticos mundiais, está localizada na Europa Oriental e Ásia, possui mais de 17 milhões de quilômetros quadrados de extensão e cerca de 145 milhões de habitantes. O país, com uma história milenar, já participou de conflitos mundiais famosos, como as duas Grandes Guerras Mundiais e a Guerra Fria.

Na visão de Ferraro (2022), a estratégia de Putin teve como efeito colateral afastar a Ucrânia e reduzir o histórico aumento da divergência regional entre Oeste pró-Occidente e Leste pró-Rússia no país. “Como esperado, o conflito estimulou um ímpeto ao nacionalismo e à popularidade de Putin, além de ter sido instrumentalizado pelas elites russas para endurecer o regime, mas o seu alto custo e o seu prolongamento já estão ocasionando insatisfações na sociedade russa” (FERRARO, 2022, p.4).

## **6 ANÁLISE DOS DADOS**

Para a análise desse estudo e compreensão dos desafios enfrentados por jornalistas brasileiros durante a cobertura da Guerra na Ucrânia, foram entrevistados dois profissionais que vivenciaram de perto o conflito. As informações foram coletadas no mês de setembro de 2023, por meio de vídeo-chamadas, com média de 40 minutos de duração cada. Os jornalistas escolhidos atuam em editorias diferentes, como também, são de veículos de comunicação distintos.

O primeiro entrevistado foi o correspondente internacional Felipe Dana (FIGURA 1), da equipe da agência de notícias independente *Associated Press*, com sede nos Estados Unidos, focada em reportagens factuais. Os conteúdos produzidos pela *Associated Press* são consumidos diariamente por mais da metade da população mundial, fato que justifica a participação de um correspondente especial enviado para o conflito, corroborando com a afirmação de Souto (2010), ao alegar que este tipo de correspondente é restrito aos grandes veículos de comunicação. Desde 2009, quando ingressou na agência, Dana cobriu conflitos no Oriente Médio, como a ofensiva de Mossul, no Iraque, a guerra contra o Estado Islâmico, na Síria, e o conflito israelo-

palestino, em Gaza. Na Ucrânia, passou grande parte do ano de 2022 no país cobrindo o conflito contra a Rússia, como fotojornalista. Mesmo tendo todas as características de um correspondente de guerra, como a capacidade de se deslocar rapidamente para outros países para cobrir a guerra na linha de frente, abordado por Schelp e Liohn (2016), Dana se considera um enviado especial.

FIGURA 1: Fotojornalista Felipe Dana



Fonte: Reprodução/Instagram

O segundo entrevistado, Rodrigo Carvalho (FIGURA 2), é correspondente internacional em Londres pela *TV Globo* e pelo canal de notícias *GloboNews*. Com pouco mais de um ano de formado, Carvalho fez sua primeira cobertura internacional, o resgate de 33 mineiros presos durante 69 dias em uma mina enquanto trabalhavam, em 2010, no Chile. Depois disso, participou de coberturas como as eleições para presidência da república no Paraguai e no Uruguai, as manifestações na Venezuela, e a missão de paz do Brasil na Organização das Nações Unidas (ONU), no Mediterrâneo. Como enviado especial, o conflito na Ucrânia foi sua primeira experiência cobrindo uma guerra.

FIGURA 2: Jornalista Rodrigo Carvalho



Fonte: Reprodução/TV Globo

Ambos os entrevistados acompanharam a tensão entre Ucrânia e Rússia antes mesmo do início da guerra, em 24 de fevereiro de 2022. Isso porque o presidente da Rússia, Vladimir Putin, vinha realizando testes com equipamentos militares perto da fronteira com a Ucrânia. Durante as ameaças Russas, as redações já estavam preparadas para enviar seus correspondentes, caso a guerra viesse realmente a acontecer.

Por escolha da emissora, seguindo protocolos de segurança, a equipe de Carvalho foi escalada para cobrir a crise migratória dos refugiados ucranianos, na fronteira com a Polônia. Segundo o jornalista, essa foi a maior crise de refugiados da história da Europa desde a Segunda Guerra Mundial, e uma das mais marcantes de sua carreira. A equipe em campo, composta por Carvalho, um produtor, um cinegrafista e um segurança, se deslocou para a fronteira entre Ucrânia e Polônia no dia 24 de fevereiro de 2022, onde observou de perto o início da crise durante um mês. No *front*, apenas um jornalista *freelancer* foi escalado para cobrir a guerra.

As pessoas chegavam com mochila pequena, assustadas, não necessariamente puderam fazer uma mala com calma, deixando o documento para trás, crianças escolhendo o brinquedo favorito para levar, mas muitas vezes com mochila pequena, e já chegando numa situação de esgotamento, a gente viu muito isso. As pessoas chegando esgotadas emocionalmente, fisicamente (CARVALHO, 2023).

Assim como Carvalho, a equipe de Dana também foi reduzida por questões de segurança durante a guerra. Junto com o fotojornalista, trabalharam mais três ou quatro pessoas, incluindo um cinegrafista ou um produtor dependendo da situação,



um segurança, e sua dupla direta de trabalho, um fotógrafo ucraniano. A equipe passou a maior parte do ano de 2022 na Ucrânia cobrindo a guerra. No início de 2023, o grupo passou aproximadamente quatro meses no país novamente para registrar o conflito.

Grande parte dos últimos dez anos da minha vida, eu estou cobrindo conflitos. Mas gosto de pensar que é porque, infelizmente, eles continuam acontecendo porque é o que eu escolho fazer. É uma das coisas mais importantes que a gente pode mostrar como jornalista, porque eu acho que temos que mostrar o máximo que pudermos do que acontece nessas regiões, para que as pessoas possam saber e que algo seja feito (DANA, 2023).

Apesar de atuarem em áreas e veículos diferentes, Dana e Carvalho possuem pontos de vista e vivências em comum. Ambos relataram que, durante a cobertura de uma guerra, existe uma série de regras a serem cumpridas por parte dos jornalistas, com punições caso sejam ignoradas. Uma delas, citada pelos dois profissionais, é de que, em certas regiões, não se pode filmar nem fotografar. Essas áreas, como zonas de controle e barreiras do exército, podem revelar estratégias e detalhes que colocam em risco as operações das tropas. Porém, algumas vezes essas regras podem ser exageradas, impostas para mostrar apenas um lado, e não toda a realidade. O descumprimento das regras pode acarretar a perda do material ou, em situações mais graves, a detenção do jornalista. Diante disso, o papel do jornalista, segundo Dana, é encontrar a melhor maneira de registrar o fato, apesar das restrições.

Carvalho conta que, durante filmagens em uma das barreiras do exército ucraniano, a equipe foi parada e questionada sobre as imagens. Os militares pediram que o material fosse excluído, o que foi aceito pelo cinegrafista. Dana explica que, dependendo da situação, as ações podem levar até à detenção do profissional. No entanto, ambos definiram como “questões do jogo” as regras e punições impostas, e que isso não se define como censura. Cabe ao jornalista ter ciência das suas limitações. A revelação de Carvalho e Dana vai ao encontro da citação de Steinberger (2003, apud Souto, 2010), ao indicar que na cobertura do noticiário internacional as matérias refletem claramente as fontes discursivas institucionalizadas, pois há interesses, e na eventualidade de uma guerra, há avaliações da ordem estratégico-militar.



Eu já fui detido várias vezes. É uma realidade que a gente tem que viver como jornalista hoje em dia, infelizmente, está cada vez maior. E é muito importante entender os nossos direitos e saber o que pode e o que não pode para estar sempre do lado certo quando essas coisas acontecem. Porque é isso que geralmente acontece. Muitas vezes, a gente está com a razão, mas mesmo assim, você é detido ou impedido de fazer o seu trabalho (DANA, 2023).

Outro ponto em comum entre os entrevistados foi o preparo necessário para cobrir uma guerra. Dana destaca que, para cobrir um conflito, o profissional precisa de noções básicas sobre segurança e, principalmente, receber grande suporte da empresa em que trabalha, como equipamentos e estruturas de segurança, cobertura médica, seguro e transporte. “Para você realizar esse trabalho, é preciso estar ciente dos riscos e saber lidar e programar da maneira mais segura possível, entendendo que é um trabalho de altíssimo risco” (DANA, 2023).

Carvalho analisa que o jornalista deve estudar muito bem o conflito, ter noções básicas de geopolítica e de como se comportar durante a cobertura de conflitos. Para isso, os jornalistas são submetidos a cursos de segurança na guerra, com táticas, por exemplo, de como se locomover, rastejar e levantar.

Isso é explicado por Schelp e Liohn (2016), quando colocam que os riscos físicos causados por bombas e armadilhas são mais perigosos para os correspondentes do que as ameaças do estado em reportar certos fatos. Pena (2005) argumenta, ainda, que o jornalista deve estar muito bem preparado para cobrir uma guerra, e que a profissão exige muitos requisitos, não só jornalísticos, mas, também, técnicas de sobrevivência e materiais de guerrilha.

Segundo Dana e Carvalho, equipamentos modernos, que acompanham as mudanças tecnológicas, são essenciais. Para a cobertura da guerra na Ucrânia, ambos os entrevistados receberam das empresas materiais de ponta, tanto em equipamentos jornalísticos, como câmeras, lentes, iluminação e notebooks, quanto de segurança. Dana conta que a Guerra na Ucrânia tem sido um campo de teste para novas tecnologias, como por exemplo, os aparelhos de comunicação via satélite, sem rastreamento. O fotojornalista explica que rastreadores e telefones celulares tornam qualquer pessoa vulnerável, principalmente no *front*. Isso porque qualquer movimentação detectada nessas áreas se torna um alvo com facilidade, independente se for inimigo ou não. Natali (2004) relaciona o avanço tecnológico ao comparativo em trocar o bonde pelo carro da reportagem, ou a máquina de escrever mecânica pela

elétrica. E, se tratando de jornalismo internacional, o impacto das novas tecnologias foi sempre maior.

Esses novos equipamentos são bem diferentes dos aparelhos rudimentares utilizados durante a Guerra da Criméia (1853-1856), como as câmeras e equipamentos de comunicação, segundo Schelp e Liohn (2016). Naquela época, as informações levavam semanas até chegarem ao destino. Diferente do que acontece atualmente, onde qualquer dado pode ser acessado em tempo real.

Tanto Dana quanto Carvalho citaram que cada cobertura, seja ela de uma guerra ou não, possui suas peculiaridades. Dana destaca que, apesar das diferenças, os conflitos geralmente se assemelham em relação às consequências para a população, que acaba sofrendo por questões de território ou religião, nas quais não está envolvida, na maior parte das vezes. Na questão profissional, da cobertura dos eventos, as diferenças são imensamente maiores. O fotojornalista destaca que as mudanças nas regras e normas de segurança variam de conflito para conflito, além do risco constante ocasionado por uma guerra. Segundo Dana, um fotojornalista acaba se expondo ainda mais a esses riscos, pois precisa estar em lugares perigosos, na maioria das vezes, para registrar e transmitir a mensagem da maneira mais realista possível. A afirmação de Dana vai ao encontro do pensamento de Schelp e Liohn (2016), quando explicam que, durante a Grande Guerra, os fotógrafos tinham ainda menos condições de trabalho. Naquela época, quem fosse visto fotografando no *front* seria executado.

Para Carvalho, a guerra na Ucrânia foi uma experiência diferenciada em sua carreira. Segundo o correspondente, a cobertura possui relevância mundial e envolve fortes questões emocionais:

Ali me bateu, da maneira mais forte até hoje, uma sensação de estar cobrindo algo muito grande. Uma guerra que, naquela altura, despertava uma preocupação de descambar para uma terceira guerra mundial. Envolvendo a Rússia, que tem muita influência hoje em dia no cenário geopolítico. Eu já tive o privilégio de ter essa sensação outras vezes, como profissional, mas ali foi uma guerra. Tem outro peso. É um aspecto emocional muito forte, de se colocar no lugar daquelas pessoas (CARVALHO, 2023).

O correspondente internacional da *TV Globo* definiu como “triste, deprimente, infernal e perturbadora” a rotina de trabalho durante a guerra. Carvalho conta que o sentimento de empatia pelas vítimas da guerra é inevitável. Nos dois

primeiros dias de cobertura, principalmente, toda a equipe se mostrou muito abalada emocionalmente. “E eu lembro que, em alguns momentos, cada um de nós saía, se afastava do outro, porque dava uma desabada de choro mesmo” (CARVALHO, 2023). O relato de Carvalho confirma a conclusão de Ferraro (2022), no qual explica que os frequentes bombardeios causam sequelas psicológicas a longo prazo nas pessoas.

Carvalho citou que, por ser uma situação extremamente delicada, envolvendo o drama dos ucranianos, é natural que o lado emocional do jornalista se aflore durante o trabalho. Para ele, é importante que essa emoção seja transmitida para o telespectador, para envolvê-lo. Porém, é necessário um equilíbrio por parte do repórter, de não se abalar e fragilizar completamente, mas não ser totalmente imparcial. Esse cuidado é fundamental, segundo Carvalho, para não expor somente o lado dramático da situação, mas sim, toda a complexibilidade da guerra e como as pessoas são impactadas:

Eu lembro de ter ficado muito impactado emocionalmente, de ter feito entradas ao vivo em que isso, muitas vezes, transparecia, mas ao mesmo tempo, me preocupava sempre em não parecer que era uma cobertura de uma TV estatal ucraniana. É uma cobertura que deve expor a complexidade que envolve aquela guerra, não apenas o lado dramático das pessoas (CARVALHO, 2023).

Conforme Arbex (2001, p. 105) “desde sempre os veículos de comunicação disputaram o mérito de ser aquele que divulga fatos de maneira exata, objetiva e verdadeira, como uma espécie de espelho fiel dos fatos objetivos.” Portanto, o pensamento de Carvalho segue a linha de Arbex (2001), que ao descrever sobre a guerra do Golfo (1991), destaca uma opinião de Peter Arnett, correspondente da *Rede CNN*, ao revelar que o bom repórter é um espelho que deve retratar fielmente a realidade.

Por outro lado, a questão emocional não foi um grande obstáculo para Dana durante a cobertura da guerra. O fotojornalista conta que se mantém focado no momento, na segurança, em prestar auxílio a um colega caso seja necessário, ou analisando a situação. Para ele, a melhor maneira de lidar com as emoções é se concentrar no trabalho, preservando ao máximo a segurança.

Às vezes eu tenho mais dificuldade de relembrar as coisas que eu vi do que o momento em si. Acho que eu tento focar no trabalho, focar no momento ali,

e depois é tentar seguir e pensar como a gente tem sorte de sair dessas situações muitas vezes, na maioria das vezes (DANA, 2023).

Dentre os principais desafios enfrentados durante a cobertura da guerra na Ucrânia, Carvalho destacou a dificuldade de transmitir a mensagem de maneira equilibrada para as duas partes envolvidas no conflito. O jornalista afirmou que existem algumas armadilhas em discursos de governo, especificamente no início da guerra, que podem influenciar o correspondente. Pois, os governantes precisam convencer a população, por meio da mídia, que a guerra é válida. Souto (2010) relembra que na Guerra do Golfo (1990/1991), o controle de jornalistas foi tão grande que a operação da mídia ficou conhecida como "Operação Mordaça do Deserto". Carvalho indica que noções básicas de geopolítica são fundamentais para entender o conflito e as motivações da Rússia no ataque, para então se falar do drama na Ucrânia.

Não tem outra maneira de você cobrir uma guerra estando em loco do que não mostrando o que as pessoas naquele país em guerra estão passando. Essa cobertura sempre vai ser legítima, relevante, o aspecto humano tem que estar ali sempre. Mas, como eu não fazia só essa cobertura, fazia também do lado político, equilibrar isso tudo era mais desafiador (CARVALHO, 2023).

Outro desafio citado pelo correspondente internacional é a responsabilidade que o jornalista tem em checar as fontes de informação e ponderar, com sutileza, certos fatos. Inclusive, os que não foram ditos, para que a matéria não caia em uma narrativa fácil e rotineira. Isso vai ao encontro da colocação de Arnett (2001, apud Pena, 2005), quando fala que o papel do jornalista é encontrar a verdade. Em alguns casos, essas reportagens podem, até mesmo, ajudar a acabar com a guerra antes que mais pessoas morram (ARNETT, 2001, apud PENA, 2005).

Como principal desafio durante sua cobertura, Dana destaca a questão da segurança, que coloca em jogo a vida do profissional, devido ao perigo constante em meio aos bombardeios. O fotojornalista diz que, dificilmente, o perigo pode ser previsto na guerra. Isso porque qualquer movimentação pode virar um alvo fácil com armas de alta letalidade e mísseis de longa distância e alta potência. Então, mesmo longe do *front*, o perigo continua constante para todos.

É uma guerra muito complicada. Dependendo de onde você está trabalhando, se você está perto do *front*, é um perigo constante, se você está longe do *front*, você tem uma falsa sensação de segurança. Às vezes você está em um lugar a centenas de quilômetros do *front* e acha que está seguro, em um restaurante, e tem um bombardeio ao lado. Eu já presenciei todas essas situações, infelizmente, tanto no *front* como longe. Essa é a grande dificuldade da vida na Ucrânia hoje, mais do que a cobertura, isso se reflete na vida dos ucranianos também (DANA, 2023).

Dana define como “horrível” e que não recomenda para ninguém o trabalho na guerra. Ele afirma que existe uma falsa impressão de como realmente é a vivência, validando a citação de Pena (2015, p. 188) ao afirmar que “os riscos inerentes a guerra acabam ofuscados por suas representações midiáticas, que são glamourizadas e estereotipadas”. Essa visão equivocada das pessoas e, talvez, romantizada por filmes de correspondentes de guerra, é muito diferente da verdade, segundo o fotojornalista. A realidade enfrentada no *front* durante o trabalho jornalístico é mais perigosa e perturbadora do que imaginado. Essa visão distorcida do trabalho na guerra pode aguçá-la curiosidade e o interesse de jornalistas *freelancers*. Mas, o trabalho em zona de guerra apenas por interesse pessoal, de forma independente, torna-se ainda mais perigoso e desafiador, além de ter um alto custo financeiro. O correspondente cita alguns instrumentos básicos para uma cobertura de guerra:

Você precisa de um credenciamento, tradutor, fixer local, saber onde é que você está indo, de plano de evacuação. Isso tudo tem um custo. Então, as pessoas que querem cobrir o conflito não pensam em muitas dessas coisas. Eu cubro muitos conflitos, mas eu faço porque tenho todo o apoio por trás, a estrutura. Não sei se eu faria *freela*, mas não sou contra. Acho que as pessoas têm que pensar em tudo antes de se meter em uma guerra sem ter nenhuma experiência (DANA, 2023).

Para Schelp e Liohn (2016), é possível contratar um profissional *freelancer* em questão de minutos, por meio de buscas nas redes sociais. Por isso, segundo os autores, as empresas de comunicação passaram a demitir seus funcionários, substituindo jornalistas contratados por profissionais independentes. A facilidade de troca rápida da equipe foi possível com o uso da tecnologia, que modificou as relações de trabalho por meio da internet.

Ao contrário da distorção da realidade sobre o que é a profissão, observada em alguns casos, Dana discorda de que a guerra na Ucrânia esteja sendo romantizada pela maioria da mídia, e que os conteúdos ilustram a situação como ela realmente é.

O front é terrível, dezenas de mortos diariamente, feridos, e isso é representado claramente no meu material. Infelizmente, é realidade. E tiveram vários dias, por exemplo, no ano passado, que eu estava cobrindo a guerra, onde eu mandava todos os dias fotos de gente morta. E não era porque eu estava escolhendo fazer isso, é porque era o que eu via todos os dias (DANA, 2023).

Como já citado por Dana, as fotografias tiradas por ele na guerra retratam exatamente a realidade (Figura 3):

FIGURA 3: Fotografia tirada por Felipe Dana



Fonte: Reprodução/Instagram

Muito diferente dos registros de conflitos do século XVIII. Como não havia máquinas fotográficas nem câmeras de vídeo, artistas eram contratados por jornais e revistas para produção de ilustrações. Esses desenhos eram publicados como se fossem a realidade, documentando o conflito de forma mais vívida e atraente para os leitores, mas quase sempre de uma forma romantizada ou exagerada (SCHELP, e LIOHN, 2016). A manipulação de cenas da guerra também foi citada por Arbex (2001), o autor mencionou que durante a cobertura da guerra do Golfo (1990/1991), houve controle das informações, dessa vez, por parte do Estado, quando milhões de telespectadores acreditaram que não houve mortes na guerra.

Carvalho cita que a equipe busca seguir um critério objetivo, de hierarquia de informações mais relevantes. Por se tratar de um público brasileiro, o jornalista explica que é necessário filtrar o que melhor contextualiza o cenário da guerra, para quem não está no local. Além disso, esse filtro se aplica com frequência ao uso de



imagens fortes e explícitas, como por exemplo, filmagens muito próximas de corpos espalhados pelo chão. O repórter de TV explica que esse cuidado é necessário para não alimentar uma cultura mórbida de violência, valorizando a banalização da situação. Arbex (2001, p.31) revela que “a cobertura ao vivo de conflitos consagrou a espetacularização da notícia e por ser um espetáculo está submetida às mesmas regras de um show”.

O jornalista ainda fala que a guerra gerou rapidamente uma discussão ideológica nas redes sociais. Para Carvalho, esse debate crítico é válido para a situação, mas, houve uma certa “histeria” nas narrativas para defender um lado. Isso tornou a cobertura ainda mais desafiadora, pois, mesmo sem um fim na guerra, a carga de responsabilidade em saber mediar a situação se intensificou, pelo fato de não ser influenciado pelo público. O correspondente disse que é necessário tratar a Ucrânia como um país invadido, mas sem deixar de lado o ponto de vista russo. “Acho fundamental para que as pessoas, a partir daí, pesquisem e tirem suas conclusões” (CARVALHO, 2023).

Para os dois entrevistados, o fato de ser brasileiro não interferiu negativamente no acesso às informações durante a cobertura da guerra na Ucrânia. Para Carvalho, a nacionalidade brasileira sempre possui uma relevância e causa impacto nas pessoas e autoridades locais, seja pelo tamanho de um país com o Brasil, quanto pela visão positiva mundo afora. “É algo que a gente usa no melhor sentido para ter acesso às pessoas, para se conectar, e para que tenham empatia e aceitem dar entrevista” (CARVALHO, 2023).

Para Dana, os brasileiros geralmente são bem aceitos em outros países. Isso porque, de um modo geral, o Brasil é conhecido como um país neutro, que nunca teve grandes problemas com os lados envolvidos na guerra. Na Ucrânia, pela primeira vez, o fotojornalista conta que foi questionado sobre algumas declarações, tanto do atual presidente da república, Luiz Inácio Lula da Silva, quanto do ex-presidente, Jair Messias Bolsonaro, mas que isso não interferiu negativamente na cobertura.

O atual e o último presidente fizeram declarações que os ucranianos não gostaram muito e essas declarações tiveram alguma repercussão na Ucrânia onde eu fui questionado algumas vezes lá. Mas nunca chegou a ser um problema para mim. Acho que, historicamente, o Brasil continua sendo considerado um país, vamos dizer, sem problema com ninguém. Mas tiveram algumas declarações em relação à Rússia no ano passado e esse ano que não soaram bem na Ucrânia (DANA, 2023).



Dana fala que, muitas vezes, é mais cômodo se apresentar como brasileiro do que dizer que trabalha para um veículo de comunicação americano. Durante sua cobertura no Oriente Médio, a imagem que o Brasil transmitia era de um país constituído, principalmente, de festas e futebol, favorecendo o acesso.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente artigo se propôs a apresentar os principais desafios enfrentados por jornalistas brasileiros na busca pela verdade na área de conflito entre Rússia e Ucrânia, que teve início no dia 24 de fevereiro de 2022. A pesquisa reafirmou que a profissão é carregada de riscos e desafios constantes, e que os correspondentes são submetidos a situações perturbadoras, que causam uma série de danos emocionais. Posto isso, é importante retomar os objetivos que foram traçados para responder a pergunta-problema da pesquisa.

A análise abordou as diferenças do conflito na Ucrânia, comparado a outras guerras, como a do Golfo (1990/1991), as mudanças provocadas pela evolução da tecnologia na forma de transmitir os fatos, os conceitos de jornalismo internacional, além de apresentar as vivências dos profissionais e o papel do jornalista durante a cobertura do conflito. A pesquisa confirmou, por meio dos relatos dos correspondentes, que durante a rotina de produção na guerra os profissionais enfrentam uma série de desafios, como a dificuldade de transmitir a mensagem de maneira equilibrada para as duas partes envolvidas no conflito; a responsabilidade de checar as fontes de informação; além das questões de segurança, que coloca em jogo a vida do profissional, devido ao perigo constante em meio aos bombardeios.

A pesquisa também identificou que os jornalistas possuem algumas limitações diante do *front*. Ambos os entrevistados relataram que existe uma série de regras a serem cumpridas por parte dos jornalistas, com punições caso sejam ignoradas. Uma delas é de que, em certas regiões, não se pode filmar nem fotografar. Essas áreas, como zonas de controle e barreiras do exército, podem revelar estratégias e detalhes que colocam em risco as operações das tropas. O descumprimento das regras pode acarretar a perda do material ou, em situações mais graves, a detenção do jornalista.

A cobertura de uma guerra exige, sobretudo, muito mais do que simplesmente registrar imagens e relatar os acontecimentos. Os jornalistas enfrentam dilemas éticos, como a necessidade de equilibrar o emocional com o profissionalismo, transmitindo a gravidade da situação sem cair em sensacionalismo. Eles também devem ter um profundo conhecimento do conflito, das motivações das partes envolvidas e da complexidade geopolítica.

Além disso, a segurança é uma preocupação constante. Os riscos de trabalhar em zonas de guerra são reais. Os correspondentes precisam estar preparados para lidar com situações imprevisíveis. Mesmo estando longe do front, como destacado por Dana, a sensação de segurança pode ser ilusória.

O presente estudo também ressalta a importância de evitar a romantização do trabalho de correspondente de guerra. A realidade é dura e perigosa. Os profissionais enfrentam desafios que vão além do que é retratado em filmes ou na mídia. Os relatos enfatizam que a representação dos fatos é fiel à realidade e não escondem os horrores da guerra.

É possível destacar que, atualmente, os veículos de comunicação possuem equipamentos modernos, que acompanharam as mudanças tecnológicas do mercado. Notou-se que a guerra na Ucrânia serviu como um campo de teste para esses instrumentos, desde câmeras, lentes, iluminação e notebooks, até equipamentos de segurança, como aparelhos de comunicação via satélite.

Observou-se que a nacionalidade brasileira é um fator de relevância e impacto positivo em coberturas internacionais, na maior parte das vezes. Os relatos mostram que os brasileiros, geralmente, são bem aceitos em outros países, devido a neutralidade e pouca interferência do Brasil em grandes problemas com os lados envolvidos na guerra. Porém, alguns discursos políticos geraram questionamento aos jornalistas estrangeiros. Mas, essas interferências não impactaram negativamente a cobertura.

Contudo, este estudo permitiu uma compreensão mais profunda dos desafios enfrentados pelos jornalistas brasileiros durante a cobertura da guerra na Ucrânia. Esses profissionais desempenharam um papel crucial ao informar o mundo sobre as atrocidades do conflito, apesar dos riscos e das dificuldades. Diante disso, o papel do jornalista é filtrar as informações e transmitir os fatos da maneira mais clara e objetiva possível, sem favorecer apenas um lado envolvido. As experiências

destacam a importância do jornalismo na divulgação da verdade em situações de conflito.

Os resultados deste artigo apontam para estudos futuros sobre como foi a cobertura da mídia em relação à Guerra na Ucrânia, para verificar a eficácia das informações transmitidas pelos veículos de comunicação. Além disso, analisar como a mídia pode interferir de forma positiva ou negativa no conflito.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Pedro. **Por uma história do jornalismo internacional no Brasil**. Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, v. 6, 2008.

ARBEX JR, Arbex Júnior. **Showrnlismo: a notícia como espetáculo**. Casa Amarela, 2001.

BBC. **Por que motivos a Rússia invadiu a Ucrânia: resumo**. BBC News Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60606340> . Acesso em 17 de junho de 2023.

BORGES, Lorena Araújo de Oliveira. **Entre a informação e a censura no front: a guerra perdida dos correspondentes**. 2005.

CARVALHO, Rodrigo. Correspondente internacional. 2023.

DANA, Felipe. Correspondente internacional. 2023.

FERRARO, Vicente. **A guerra na Ucrânia: Uma análise do conflito e seus impactos nas sociedades russa e ucraniana**. Scielo 25 preprints. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/2178-8839.128157>. Acesso em 4 de junho de 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. edição. São Paulo: Atlas, 2006.

HANKIN, Lorna. **Guerra na Ucrânia completa 1 ano sem fim à vista; entenda o que mudou**. BBC World Service, 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cp3zzz03eyyo> . Acesso em: 17 de junho de 2023.

NATALI, João Batista. **Jornalismo Internacional**. São Paulo: Contexto, 2004.

NEVES, Daniel. **Guerra dos Farrapos.** disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/revolucao-farroupilha.htm#Causas> .Acesso em: 16 de junho de 2023.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo.** São Paulo: Contexto, 2015.

RODRIGUES, Maria Lucia; LIMENA, Maria Margarida Cavalcanti (Orgs.). **Metodologias Multidimensionais em Ciências Humanas.** Brasília: Líber Livros, 2006.

SHELP, Diogo; LIOHN, André. **Correspondente de Guerra: os perigos da profissão que se tornou alvo de terroristas e exércitos.** São Paulo: Contexto, 2016.

SOUTO, Fhoutine Marie Reis. **Desafios para análise do jornalismo internacional.** Aurora, São Paulo, 2010. Disponível em: [https://www.pucsp.br/revistaaurora/ed7\\_v\\_janeiro\\_2010/artigos/download/ed7/4\\_artigo.pdf](https://www.pucsp.br/revistaaurora/ed7_v_janeiro_2010/artigos/download/ed7/4_artigo.pdf) .Acesso em 24 de abril de 2023.